

Janusz Korczak: construindo um mundo melhor

Janusz Korczak: building a better world

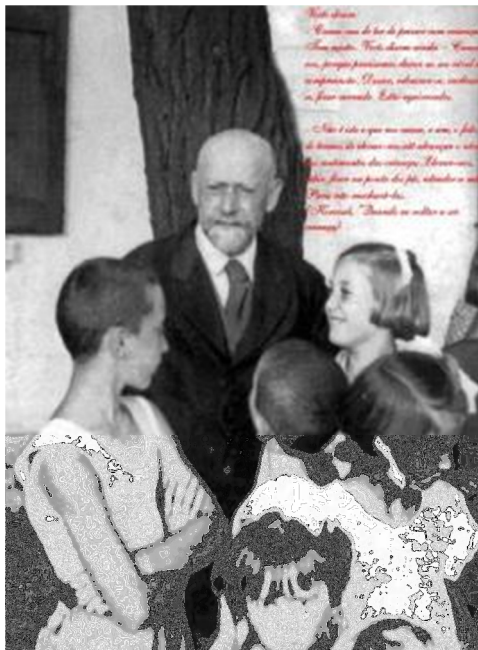
Ana Szpiczkowski*

Resumo: Testemunha dos acontecimentos de sua época, muitos deles associados aos movimentos socialistas, Korczak optou pelo ideal da educação como antítese às revoluções, isto é, ele acreditava que a educação e sua melhoria possam ser o único caminho para a construção de um mundo mais justo. Embora sua abordagem pedagógica não tenha sido influenciada ou esteja voltada especificamente ao povo judeu, Korczak não teve como fugir ao destino de ser judeu, um educador judeu em um período terrível da história judaica.

Palavras-chave: Korczsk. Educação. Shoá.

Abstract: Witness of the events of his time, many of them associated with Socialist, Korczak opted for the ideal of education as antithesis to revolutions, that is, he believed that education and its improvement might be the only way for the construction of a more just world. Although his pedagogical approach has not been influenced or is geared specifically to the Jewish people, Korczak was not as escape the fate of a Jew, a Jewish Educator in a terrible period of Jewish history.

Keywords: Korczsk. Education. Shoah.



Em outubro de 1940, os alemães ordenaram a todos os judeus de Varsóvia que entrassem no gueto. O orfanato, dirigido por Janusz Korczak – que já havia sobrevivido a dois *pogromim*¹ – estava situado na Rua Krochmalna, número 92, no lado ariano, tendo sido transferido pela Gestapo para uma casa pequena e suja no gueto de Varsóvia. Em um de seus depoimentos, o educador relata:

O bravo Albert² pensou em desimpedir as janelas. É que os vidros são cobertos de noite com cortinas de papel preto para que a iluminação

não incomode as autoridades militares na comunicação por sinais luminosos – com o pretexto de não facilitar a tarefa dos aviões inimigos. Como se eles não dispusessem de dezenas de outros meios e sistemas de orientação. Mas a brava gente acredita nisto assim mesmo... As pessoas são ingênuas e bravas. E muito infelizes, sem dúvida. Não sabem muito bem em que consiste a felicidade. Cada um a interpreta à sua maneira... Cada um se defende como pode contra o tédio e a nostalgia. O tédio: a alma que tem fome. A nostalgia, a sede, a necessidade de água e de céu a atravessar; a necessidade de liberdade e de um homem, simultaneamente, confidente, confessor e conselheiro; a necessidade de um ouvido pronto para ouvir a minha queixa. A alma perde as forças na estreita gaiola do corpo. As pessoas sentem a morte, pensam nela como se fosse um fim, quando é apenas a continuação da vida, uma vida diferente. Se você não acredita na alma de qualquer modo deve admitir que o seu corpo continuará a viver como erva e nuvem. O que é você senão água e poeira?" (KORCZAK, 1986, p. 24-25.)

Imediatamente após a ocupação alemã da Polônia, em 1939, os alemães começaram a planejar o isolamento da população judaica de Varsóvia num gueto. Nessa altura, a administração do *Generalgouvernement* ainda não tinha sido completamente organizada e havia interesses conflituosos entre os três principais poderes: a administração civil, o exército e a SS. Sob essas circunstâncias, o Conselho Judaico, ou *Judenrat*,³ liderado por Adam Czerniakow, conseguiu atrasar o estabelecimento do gueto por um ano, apelando, sobretudo, aos militares para que considerassem os judeus como um recurso laboral importante.

No entanto, o gueto acabou por ser estabelecido por Hans Frank, *Generalgouverneur* alemão da Polônia, em 16 de outubro de 1940. Nessa altura, a população do gueto atingiu um montante estimado de 380.000 pessoas, cerca de 30% da população de Varsóvia, enquanto seu tamanho ocupava apenas 2,4% do território. Os judeus de toda a cidade foram obrigados a deslocar-se para esse setor. Os nazistas fecharam, então, o acesso ao gueto de Varsóvia do resto da cidade em 16 de Novembro de 1940, construindo um muro em redor.

Durante o ano e meio seguinte, judeus de cidades e vilas menores foram trazidos para o gueto, enquanto doenças, como o tifo, e a fome assolavam os habitantes. Em Varsóvia, as rações para judeus eram oficialmente limitadas a apenas 184 calorias por dia, ao contrário das 1800 para poloneses e 2400 para alemães.

Em 22 de Julho de 1942, teve início a expulsão em massa dos habitantes para os campos de extermínio. Até 21 de Setembro de 1942, cerca de 300.000 pessoas foram levadas para o campo de extermínio de Treblinka ou assassinadas em Varsóvia.

Em 19 de abril de 1943 irrompeu o levante do Gueto de Varsóvia, liderado por Mordechai Anielewicz. Seu armamento consistia, sobretudo, de pistolas, bombas caseiras e coquetéis *molotov*. O pano de fundo do levante situou-se entre uma esperança ainda longínqua de vitória e a constatação de que provavelmente ela chegaria tarde para salvar vidas. O gueto de Varsóvia abarcava, no princípio de 1942, meio milhão de pessoas, desalojadas dos bairros da cidade e de pequenos guetos no interior do país, isoladas em um exíguo perímetro urbano e nele submetidas a pavorosas condições de vida. Em abril de 1943, os remanescentes reduziam-se, talvez, a trinta mil. A revolta foi o grito final de uma comunidade exangue, sobrevivente das sucessivas deportações para campos de extermínio instalados no leste da Polónia, desprovida

de meios de subsistência e carente de poder bélico, mas que surpreendeu os alemães, prolongando-se a resistência armada, organizada e esporádica, por dois a três meses.

1 Crianças subnutridas nas ruas do gueto de Varsóvia

Apesar das enormes dificuldades do dia-a-dia, o *Judenrat* e os movimentos juvenis conseguiram organizar várias instituições no gueto para tentar ajudar os habitantes. O *Judenrat* tomou a responsabilidade pela alocação das habitações disponíveis – uma média de nove crianças por quarto, enquanto instituições de caridade organizaram cantinas de sopa gratuita: a certa altura, dois terços da população dependia dessas cantinas.

Por um curto período de tempo, foi também permitido ao *Judenrat* organizar quatro escolas de ensino básico para crianças do gueto. Havia um extenso sistema escolar clandestino organizado por vários movimentos juvenis, que cobria todos os níveis básicos e de ensino secundário e oferecia até cursos de nível universitário aos domingos, disfarçados freqüentemente de cantinas.

O *Judenrat* era também responsável pelos hospitais e orfanatos que operavam no Gueto. Um orfanato, liderado pelo pediatra e autor Janusz Korczak, era governado segundo o modelo de uma democracia, chamado de "república das crianças".

Janusz Korczak, cujo nome original era Henrik Goldszmit, nasceu em 1878 (ou 1879), em uma próspera família judia, que morava em uma das ruas mais importantes de Varsóvia. Filho de Joseph Goldszmit – bem sucedido advogado, e de Tseilia, ele foi criado longe da tradição judaica. A língua, a cultura e o modo de vida de sua família em nada se diferenciavam da sociedade não judaica à sua volta, a sociedade polonesa, e foi somente aos seis anos de idade que ele descobriu, ao acaso, sua ascendência judaica.

2 Janusz Korczak

Em 1898, Goldszmit concluiu o ensino médio e iniciou seus estudos universitários, no campo da medicina. Nesse mesmo ano, deu início ao seu trabalho como escritor usando o pseudônimo de Janusz Korczak, passando a ser conhecido por esse nome, principalmente nos âmbitos da literatura, do jornalismo e da educação.

Como médico pediatra trabalhou por alguns anos em um hospital infantil judaico e completou sua especialização em Berlim, Paris e Londres. Ele se interessava, cada vez mais, em compreender a criança doente e de respeitar a força interior que ela demonstra na sua luta contra suas fraquezas físicas, bem como pelo modo respeitoso e inteligente com que ela sabe morrer. Desejou conhecer de perto as crianças, seus princípios de vida e suas relações consigo mesmas e com o mundo dos adultos. Assim, concomitantemente ao seu trabalho enquanto médico no hospital (1908-1909), passou a participar como monitor de colônias de férias para crianças judias e polonesas. Nessas colônias, Korczak se misturava à vida das crianças e se colocava como igual a elas. Seu interesse pela criança e, principalmente, pelos órfãos, levou-o a buscar recursos e estabelecer, em 1912, um orfanato para crianças judias em Varsóvia, abandonando, nessa ocasião, seu trabalho no hospital.

No orfanato, Korczak, acompanhado pela educadora Stefa Vilczinska, a quem conheceu em Zurique, desenvolveu uma prática educativa baseada na auto-gestão, conduzida pelas crianças, cuja essência incluía um tribunal, um conselho consultivo, um parlamento e a elaboração de jornais, todos constituídos com base nos fundamentos de uma sociedade democrática, que

garante os direitos dos seus cidadãos e a possibilidade de preservá-los. O tribunal, afirma Perlis (1986, p. 53), mais do que qualquer instituição, se constitui em algo que educa e influencia, pois permite a crítica pessoal sobre os direitos do outro e o respeito a uma vida comunitária regular. É um instrumento de apreciação ética sobre as ações ou os comportamentos alheios à norma social comum. Suas cláusulas eram classificadas e graduadas por grupos: do simples ao mais importante, de crédito e absolvição, reconhecimento da culpa, comissão de censura, acusação e penas. A ele, ao tribunal, submetiam-se todos os envolvidos no orfanato, incluindo os educadores. O próprio Korczak foi julgado por duas vezes e condenado, com certeza, por uma das acusações.

Considerado por muitos como o Pestalozzi do século 20, Korczak costumava “ler as crianças”, isto é, relacionava-se diariamente com elas, sem intermediários, com todas e com cada uma individualmente, de acordo com a necessidade e o assunto, prestando atenção ao desabrochar dos pequenos:

Seu princípio fundamental era de que o educador não deveria se sobressair em relação ao educando, deveria sempre levar a sério sua opinião, seu ponto de vista, porque desfazê-lo seria doloroso para a criança, oprimiria sua personalidade e seu amor próprio. Em vez de mandar na criança, é preciso dar-lhe a oportunidade de se convencer, com base em suas próprias experiências, numa atmosfera de confiança. (SINGER, 1998, p. 65.)

Às sextas feiras, ele pessoalmente cortava os cabelos e as unhas das crianças, dava-lhes banhos e esfregava suas cabeças. Esses eram momentos em que ele ouvia sobre suas aspirações, seu comportamento, seus questionamentos, obtendo informações para a busca de soluções para seus anseios e necessidades.

Em suas conversas com os educadores inscritos na Bursa (uma espécie de bolsa de professores que trabalhavam por quatro horas por dia no orfanato, em troca de casa e comida, sem honorários) Korczak se referia a alguns pontos importantes na relação com as crianças.

A título de exemplo, note-se, a seguir, três afirmativas de Korczak que traduzem parte da dimensão de seu pensamento em relação ao ser humano e, em particular, ao relacionamento entre adultos e crianças, entre educadores e educandos:

A igualdade é mentirosa. Enquanto um se sente bem, o outro se cala, mentalmente ou entre dentes. Um – saudável, forte, bonito, feliz, ágil, canta e fala muito; o outro – fraco, rude, feio, desagradável. O primeiro quer e pode, o segundo – pode e não quer, o terceiro – quer e não pode. Não há solução para isso. As pessoas são diferentes, querem e sentem de modo distinto.

Uma criança – um mundo grandioso e amplo. Duas crianças – três mundos: o mundo de cada uma das crianças e outro das duas juntas. Três crianças não são somente uma e mais uma e mais uma. Junto às três – a primeira e a segunda juntas, a primeira e a terceira juntas, a segunda e a terceira juntas e o mundo de todas juntas. E eis que você tem sete mundos – falta de vontade, coleguismo, brigas, alegria, tristeza. Saia e veja quantos mundos estão ocultos em dez, vinte, trinta crianças, vários e difíceis mundos. Você só, sem a ajuda das crianças, não conhecerá esses mundos e, então, sua tarefa de ensinar não terá êxito. Para o educador:

A criança é um ser humano – é preciso respeitar igualmente a pessoa boa e a pessoa má. Se você respeitar a criança boa, ela irá ajudá-lo; se

ajudar a criança má, ela não o atrapalhará. Se você ama a criança boa, comece a amar também a criança má. (KORCZAK, 1978, p. 302-303.)

Korczak acreditava na importância de se conquistar a confiança da criança, pois esta cria a atmosfera educacional e afasta qualquer suspeita que possa existir entre o educador e o educando. A fim de facilitar a criação dessa atmosfera, a criança recém chegada ao orfanato recebia a companhia de um *apotropus*, um tutor, acompanhante mais velho, que o ajudava na sua adaptação. Seu grande mérito foi o de conceber a criança como sua companheira de trabalho, atribuindo-lhe, freqüentemente, o papel de educador, oferecendo-lhe, desse modo, a oportunidade de compreensão e de responsabilidade pelo seu trabalho.

Como escritor Janusz Korczak foi prolífero. Publicou mais de 250 artigos, entre peças satíricas e humorísticas, livros de pediatria, educação, contos e histórias para crianças, afirma Novinsky (2005). Foi autor de obras sobre crianças e para crianças. Gostaria de destacar: *Como amar uma criança* (1919) – primeira sistematização de uma concepção pedagógica; *O Rei Mateusinho I*, *O Rei Mateusinho em uma ilha deserta* (1923); *Quando eu voltar a ser criança* (1925); *O direito da criança ao respeito* – base adotada pela ONU para a formulação dos direitos das crianças, como parâmetro de atuação mundial para a infância e o primeiro passo em direção à emancipação da criança pela elaboração e proclamação de uma declaração dos direitos da criança –; *Como amar uma criança* – Partes I, II e III. (SINGER, 1998, p. 56 -57)

Testemunha dos acontecimentos de sua época, muitos deles associados aos movimentos socialistas, Korczak optou pelo ideal da educação como antítese às revoluções, isto é, ele acreditava que a educação e sua melhoria possam ser o único caminho para a construção de um mundo mais justo. Embora sua abordagem pedagógica não tenha sido influenciada ou esteja voltada especificamente ao povo judeu, Korczak não teve como fugir ao destino de ser judeu, um educador judeu em um período terrível da história judaica.

Sua vida baseou-se em escolhas – tanto para a vida quanto para a morte. Fugiu às normas aceitas pela sociedade e pelo seu tempo. Em ambas as situações, fez uma escolha própria e pessoal: no início do século, o seu caminho de vida e, próximo ao fim desse mesmo século, a forma de morrer. Em ambas, encontra-se a chave para a compreensão do homem e talvez, também, de seu estudo. Na realidade, a escolha sempre permeou a vida de Korczak e ela nunca foi feita ao acaso. Sempre atravessada por dúvidas e perplexidades, cujo aspecto dominante não estava ligado às suas necessidades pessoais, mas ao fato de permitir o bem ao próximo, à sociedade, aos mais necessitados. Por conta disso, não descansava, enquanto não as punha em prática.

Essa sua característica manifestou-se, também, no tipo de vínculo que ele estabeleceu com os judeus e com o judaísmo. Korczak nasceu em uma família assimilada e sentia-se um verdadeiro polonês. Seu sentimento de pertencimento aos judeus e ao judaísmo ocorreu ao longo de sua vida e pela sua livre escolha.

Seu prestígio, acompanhado de contatos pessoais teriam facilitado a sua fuga do horror do anti-semitismo europeu para Eretz Israel, lugar ao qual aprendeu a gostar já na maturidade. Percebeu que na Polônia, lugar que considerava sua pátria, não havia mais lugar para ele. Em seus dilemas e aflições pessoais, Korczak teve dúvidas e esperanças de ir para Eretz Israel, lá viver livre e sentir “saudades da Polônia”, como ele afirmava. Em uma de suas primeiras cartas que enviou para a então Palestina, publicadas em Tel Aviv em 1977, ele escreveu: Se existe um país onde é oferecida honestamente à criança uma chance para expressar seus sonhos e seus temores, suas aspirações e suas perplexidades – possivelmente é em Eretz Israel. Lá deveria ser

erguido um monumento ao órfão desconhecido. (KORCZAK citado por NOVINSKY, 2005, p. 21.)

Mas ele não conseguiu concretizar o seu sonho. Embora tivesse tido oportunidade, não quis abandonar suas duzentas crianças e essa também foi uma escolha, sua última escolha. Em 19 de agosto de 1942, Korczak acompanhou suas crianças para o trem que os levaria para as câmaras de gás de Treblinka.

Cada criança tem o seu brilho, cuja força abrasa fogueiras de felicidade e verdade, conseguindo, talvez, na décima geração irromper o despertar de sua genialidade, queimando seu passado e proporcionando à humanidade um novo sol. (KORCZAK, 1974, p. 202-203.)

***Ana Szpiczkowski** é Graduada em Pedagogia com Especialização em Orientação Educacional e Administração Escolar pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Castro Alves (1974), Mestre em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1984) e Doutora em Semiótica e Lingüística Geral pela Universidade de São Paulo (1996).

Notas

1 Forma plural hebraica de *pogrom*, que significa destruição. Termo usado especificamente para ataques a judeus ou a bairros judeus de cidades ou aldeias.

2 Um dos pupilos do orfanato.

3 Palavra alemã para designar o "Conselho Judeu". Corpo administrativo que os alemães ordenaram que os judeus criassem em cada gueto. Esse conselho era obrigado a assegurar uma administração geral e se configuravam como intermediários entre os nazistas e a comunidade judaica. Muitos foram forçados a providenciar judeus como trabalho escravo e a auxiliar na deportação deles para campos de extermínio durante o Holocausto. Aqueles que recusavam seguir as ordens nazistas ou eram incapazes de cooperar totalmente eram frequentemente assassinados ou deportados para os campos de extermínio.

4 *Terra de Israel*, modo como Korczak se referia a então Palestina, ocupada pelo Reino Unido durante a I Guerra Mundial, com a retirada dos turcos. Em 1917, o chanceler britânico, Arthur Balfour, declara o apoio de seu país ao estabelecimento de um lar nacional dos judeus na Palestina, sob a condição de serem respeitados os direitos das comunidades não-judaicas ali existentes. Três anos mais tarde, o Reino Unido recebe um mandato da Liga das Nações para administrar a Palestina. A perseguição aos judeus pelo regime nazista de Adolf Hitler, a partir de 1933, intensifica a migração para a Palestina. A administração britânica tenta conciliar os oponentes, limitando a admissão de judeus, mas a entrada de imigrantes clandestinos continua. Entre 1936 e 1939, uma guerra civil explode entre árabes e judeus e, durante a II Guerra Mundial, prosseguem as hostilidades. Ingleses são alvo de ataques de grupos armados sionistas em represália à política britânica contrária à imigração de judeus que fogem da perseguição nazista. Com o fim da guerra, a notícia do extermínio de cerca de 6 milhões de judeus nos campos de concentração aumenta o apoio internacional à criação de um Estado judaico. Em 14 de maio de 1948 foi proclamado, assim, o Estado de Israel.

Referências

ABRAHAM, B. *Janusz Korczak* (1878-1942): coletânea de pensamentos. São Paulo: Associação Janusz Korczak do Brasil. 1986.

- BEREZIN, Rifka. *Dicionário Hebraico-Português*. São Paulo: Edusp, 1995.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Holocausto: crime contra a Humanidade*. São Paulo: Ática, 2004.
- GAZIT, L. *Korczak shel Hayeladim (Korczak das crianças): estudo da “Cátedra para a Educação, Valores, Tolerância e Paz”, em nome de Joseph Burg*. Israel: Faculdade de Educação, Universidade Bar-Ilan, 2003.
- KORCZAK, J. *Diário do Gueto*. Tradução de Jorge Rochtlitz. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- KORCZAK, J. *Dat Hayered (Religião da criança)*. Guetto Fighter’s House Ltda., 1978.
- KORCZAK, J. *Im Hayered (Com a criança)*. Israel, 1974.
- NOVINSKY, Anita. *Janusz Korczak e a esperança perdida*. Tradução de Fanny Fefer. In: ARNON, J. *Quem foi Janusz Korczak*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- SINGER, H. Lições de Janusz Korczak. In: LEWOWICKI, T. *Janusz Korczak: lições, perfil, o bom doutor*. São Paulo: Edusp, 1998.
- UNTERMAN, A. *Dicionário judaico de lendas e tradições*. Tradução de Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- WASSERTZUG, Z. *Janusz Korczak: mestre e mártir*. Tradução de Bluma Sahn Paves. São Paulo: Summus Editorial, 1983.